

Vaqueiros e guardiões do solo: a história de inovação na Fazenda Baixinha



José Eduardo, Dona Maria Balbina e Sr. Eduardo no jardim florido da Fazenda Baixinha

A Fazenda Baixinha, situada no povoado Guedes, em Graccho Cardoso, Sergipe, está sob gestão da família Matos. A unidade familiar é composta pelo casal de camponeses Eduardo Vieira de Matos e Maria Balbina Resende de Matos, que juntamente com o filho José Eduardo Matos, zootecnista e doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), conduzem a propriedade.

A história dessa terra remonta à antiga Fazenda Queimadinhos, onde Bigi, o bisavô de José Eduardo trabalhou como vaqueiro dos Senhores de Engenho. Estes criavam gado para atender, principalmente as demandas pela tração animal utilizada no ciclo canavieiro. Com o declínio dos engenhos, na segunda metade do século XIX, os vaqueiros adquiriram as terras dos seus antigos donos. A Fazenda Baixinha, que conta com 29 hectares, é a parte herdada da Fazenda Queimadinhos, parte adquirida pela Família Matos em 1970.

O agroecossistema da Fazenda Baixinha é diversificado, incluindo a criação de bovinos, galinhas caipiras, cultivo de sementes crioulas e um quintal produtivo co-criado e mantido por Dona Maria Balbina há 42 anos. No entanto, o destaque da propriedade é a integração dos ovinos da raça Santa Inês em um sistema agrossilvipastoril. Este sistema, que combina animais, forrageiras e árvores (frutíferas e madeiráveis), representa uma modalidade de agrofloresta que traz benefícios econômicos e ambientais.

Atualmente, o rebanho ovino da fazenda conta com 116 animais, criados em sistema semi-intensivo, onde os animais passam o dia no pasto e pernoitam no aprisco, com foco na produção de carne para comercialização, além da venda de matrizes e reprodutores a outros criadores.



Ovinos em pastejo no Sistema Agrossilvipastoril.



Cordeiros recebendo suplementação com glicíndia in natura.

Na busca por melhores condições para enfrentar as adversidades encontradas em seu território, José Eduardo implementou, junto com sua família, diversas inovações tecnológicas na fazenda, como a introdução de variedades forrageiras, seleção e uso de biotecnologias no rebanho (inseminação artificial), controle zootécnico, a implantação de bancos de proteína com a leguminosa glicíndia, o uso de técnicas de conservação de forragem (silagem) e conservação de água da chuva com a construção de uma cisterna de primeira água e uma cisterna calçadão, voltada para produção.



José Eduardo segurando silagem de glicíndia



Família Matos ao lado da cisterna de primeira água



o contato com a agroecologia

O primeiro contato de José Eduardo com a agroecologia ocorreu em 2016, através do Núcleo de Estudos e Vivência Agroecológica (NEVA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Nesse período, a família estava buscando por alternativas mais sustentáveis ao seu modelo de produção familiar. A partir dessa experiência, ele passou a utilizar metodologias participativas, como, entrevistas semiestruturadas com seus familiares para compreender como a agricultura era praticada nas gerações passadas. Nessa pesquisa familiar, José Eduardo, identificou práticas que contribuíram para a degradação do solo, como por exemplo: o desmatamento, o uso indiscriminado do fogo, a falta de barreiras de vento, o plantio em monocultivo e o manejo inadequado do rebanho.

Com o objetivo de regenerar os solos degradados, a família começou a buscar alternativas que permitissem o consórcio harmônico entre animais e plantas. Em 2020, iniciaram a implementação de um sistema agrossilvipastoril na Fazenda Baixinha, inspirada nos trabalhos de Ernst Götsch, agricultor e pesquisador suíço, que sistematizou experiências pessoais com saberes tradicionais e criou a chamada Agricultura Sintrópica, uma forma de fazer agricultura que imita os princípios da natureza, como: cobertura do solo, sucessão natural, estratificação, densidade e diversidade de espécies.



Área de sistema agrossilvipastoril



José Eduardo numa área de sistema agrossilvipastoril recém implantada

A criação dos ovinos está em transição agroecológica, com a produção de alguns insumos dentro do agroecossistema, embora ainda haja dependência externa para outros, como o milho, suplementos minerais e fármacos que ainda são utilizados para os animais. A família Matos tem o sonho de ampliar os Sistemas Agroflorestais (SAFs) na fazenda, integrando lavoura e pecuária de forma sustentável. Eles almejam transformar a Fazenda Baixinha em um "farol agroecológico", que sirva como exemplo e fonte de conhecimento para estudantes, pesquisadores e outros agricultores, promovendo a troca de saberes através da metodologia "camponês a camponês". Para a família, a maior riqueza do agricultor não está nos animais ou nas plantações, mas na saúde e fertilidade do solo.



Além de suas atividades camponesas, José Eduardo também é conhecido como Bodeiro Ovelheiro nas redes sociais, pois criou um perfil em 2018 para compartilhar conhecimentos sobre a criação de ovinos e caprinos. Ele percebeu que o desconhecimento de informações básicas atrapalhava o progresso e a organização dos produtores, e conseqüentemente a sustentabilidade de todos que integram esse elo produtivo. Como forma de disseminar as boas novas e registrar seu pensamento, José Eduardo também é cantador e sanfoneiro, conhecido no meio musical como Eduardo Matos.

“Eu vejo na música um campo de resistência cultural, combatendo a desinformação e valorizando nossas conquistas, costumes e tradições. Eu digo não a monocultura, que está em desacordo com os processos de vida, que consome tudo as custas do pobre dinheiro, que empobrece a vida no lugar, mas também o pensamento das pessoas e sua cultura”.



Dona Maria Balbina pós uma colheita em seu quintal produtivo



José Eduardo com sua sanfona é o Eduardo Matos que canta as coisas do seu sertão

A experiência da família Matos na Fazenda Baixinha demonstra o poder da tradição aliada à inovação. Ao resgatar práticas ancestrais e combiná-las com novas técnicas agroecológicas, eles estão buscando criar um modelo sustentável adaptado a atualidade da família e que beneficia tanto o meio ambiente quanto a comunidade local. A jornada da família reflete um compromisso com a terra e com as futuras gerações, mostrando que é possível produzir de forma sustentável, respeitando a natureza e os saberes tradicionais.